

BRASIL PRECISA CRESCER MAIS PARA ACOMPANHAR O MUNDO

ENTREVISTA

Ricardo Leopoldo
Da equipe do Correio

Lester Thurow

Especialista norte-americano em Economia alerta que o Brasil precisa crescer entre 7% e 8% ao ano para seguir países como Cingapura que estão investindo pesado para atrair grandes empresas

Marcos Fernandes/SP



Thurow: Brasil tem que expandir as habilidades educacionais de seus cidadãos

São Paulo — Com a ruína do comunismo há dez anos, o capitalismo passou a vigorar soberano sobre as economias do planeta. Como ideologia global, contudo, o sistema mostra fissuras e dilemas que deverá corrigir. Por exemplo: planejar o futuro e deixar de ser uma prática que privilegiava o consumo ao invés da produção.

Estas idéias fazem parte do livro *O Futuro do Capitalismo*, de Lester C. Thurow, professor de Economia do Massachusetts Institute of Technology (MIT) que esteve ontem em São Paulo para participar de seminário promovido pela Confederação Nacional do Transporte (CNT).

Thurow entende que países em desenvolvimento como o Brasil precisam crescer por cem anos entre 7% e 8% do Produto Interno Bruto (soma das riquezas elaboradas em um ano). Acompanhe a entrevista exclusiva de Lester Thurow ao *Correio Braziliense*:

Correio Braziliense — O que os governos do mundo deveriam fazer para aumentar o crescimento de suas respectivas economias?

Lester Thurow — Os principais bancos centrais, como dos Estados Unidos, Japão e Alemanha, precisam se conscientizar que o perigo da inflação gerar uma crise mundial acabou. Está havendo uma redução do crescimento das economias. O mundo nos anos 60 cresceu em média 5%. Na década seguinte caiu para 3,2%. Nos anos 80 desceu para 2,6%. E na década de 90 está em 2,0%. É muito mais fácil ser uma nação em desenvolvimento com 5% de desenvolvimento do que com uma taxa de 2%. O Terceiro Mundo não existe mais. Um grupo de nações do leste da Ásia como Indonésia, Filipinas, Tailândia e Malásia, cresce muito rapidamente e talvez já esteja chegando perto dos países desenvolvidos. Há nações na África que estão entrando em colapso. Ao olhar a América Latina você observa o que chamo de "miragens econômicas". Há nações que vão muito bem em dez ou 15 anos e depois desabam. Entre 1968 e 1978 o Brasil era a economia que se expandia com mais rapidez no mundo. Depois disso desmoronou. A mesma coisa com o México. O Chile está bem hoje, mas antes passou 15 anos de desastre.

Correio — Então qual é a saída?

Thurow — O truque no continente é definir quem será um grande corredor de maratona e ficará na frente por um século. Os Estados Unidos levaram 120 anos para alcançar o poderio da Inglaterra. O Japão vem há 130 anos perseguindo os Estados Unidos e está perto de chegar lá. O Brasil pode fazer isso com mais velocidade. Este país precisa de cem anos de crescimento da economia entre 7% ou 8%. Se não for assim, permanecerá como um país de Terceiro Mundo. As outras nações também estão correndo forte, como no leste da Ásia. Ca-

so não siga essa marcha, os espaços entre o Brasil com países desenvolvidos crescerão. É preciso alguma coisa a mais na política econômica, que além de coibir a inflação ela permita um crescimento maior. Cingapura investe entre 25% e 30% do Produto Interno Bruto (soma das riquezas elaboradas em um ano). Vocês nunca chegarão lá com um desenvolvimento de 3% a 4%. Tem que ser no mínimo o dobro para diminuir problemas como o desemprego.

Correio — Quais devem ser as prioridades dos investimentos do Estado?

Thurow — O governo tem que se concentrar em maiores estratégias para expandir as habilidades educacionais de seus cidadãos. A China e a Índia estão abordando o problema de formas diferentes. Na China todos concluem o colegial e boa parte faz o mesmo nas universidades. Eu não sei se os países com este perfil social de Terceiro e Primeiro Mundo ao mesmo tempo

conciliarão estas faces a longo prazo. Politicamente isto desaba, especialmente quando existe democracia.

Correio — O capitalismo está caminhando para sua ruína?

Thurow — O capitalismo apenas está passando por uma mudança. Algumas pessoas falam na segunda revolução industrial com a eletrificação no final do século passado. Isso permitiu que as economias locais se tornassem nacionais, bem como pequenas companhias se transformassem em grandes. No final do século 20, as economias provavelmente caminharão para a 3ª revolução industrial, com todo um rol de mudanças de economias nacionais partindo para uma atuação global. Corporações nacionais se tornarão multinacionais. A maneira correta de ver isso é gradualmente observar os Estados Unidos e o Brasil dissolvendo suas economias nacionais em economias globais. Você vai trabalhar, competir, comprar e vender produtos de pessoas do resto do mundo mesmo que more no centro do país.

Correio — O senhor acredita que os tamanhos dos mercados consumidores de países não são mais fundamentais?

Thurow — O fim do comunismo colocou bastante pressão nas fábricas de sapatos do Brasil e da Argentina. Nossas companhias têxteis foram para a Indonésia. O peso das habilidades técnicas vem aumentando muito. Os tamanhos dos mercados estão ficando menos importantes. Intel (produtora de microprocessadores para computadores) está ao redor do mundo construindo algumas fábricas. Eles estão indo para Israel. Lá tem cinco milhões de habitantes. O que a empresa quer não é o consumo da população, mas sim as habilidades técnicas da mão-de-obra local. Há cem anos a pessoa mais rica do mundo era alguém associado com petróleo. Começou com John D.

Rockefeller no século 19. Hoje é Bill Gates. Pela primeira vez na história da humanidade o símbolo da riqueza está vinculado a um trabalhador voltado ao conhecimento.

Correio — Quais são os caminhos para o desenvolvimento no próximo século?

Thurow — O que os governos terão que fazer no século 21 é fortalecer muito as habilidades educacionais dos povos. Eles terão que incrementar muito as áreas de infraestrutura e também ter algumas estratégias para desenvolver tecnologias. Algumas delas deverão ser compradas. Outras virão com o ingresso de multinacionais, o que pode ser feito com a persuasão do Executivo. O governo não tem que ser dono de companhias. Se você não ataca os pontos fundamentais não será bem sucedido. Para resolver o problema de miséria, educação, infra-estrutura e tecnologia são as soluções. Não há outras saídas.

Correio — O mercado com liberdades totais às grandes companhias internacionais, com pouca regulamentação, não manterá a má distribuição de renda em países com esse tipo de problema?

Thurow — Sim, mas se eles trazem tecnologia estão promovendo mais do que levam. Esqueça dinheiro, ele não é importante. O que o Brasil precisa é poupar o suficiente para bancar os investimentos necessários em infra-estrutura. O Brasil precisa de tecnologia e será muito difícil de conquistá-la a não ser que o País traga companhias estrangeiras para aplicar no país. Você pensa que a Intel venderá sua tecnologia de produção de microprocessadores? Não. A única maneira é trazer a Intel para abrir uma fábrica aqui. Isso é que os chineses fazem. O governo daquele país diz que somente está interessado em investimentos internacionais se eles acrescentarem à nação novas tecnologias.